

## Notas sobre a trajetória docente do professor Paulo Plentz: memórias de práticas em classes multisseriadas em Novo Hamburgo/RS (1965-1995)

Notes on the teaching trajectory of professor Paulo Plentz: memories of practice in multigrade classes in Novo Hamburgo /RS (1965-1995)

José Edimar Souza<sup>1</sup>  
UNISINOS  
Bolsista PROEX/CAPES

**Resumo:** O presente estudo tem por objetivo desdobrar fatos em torno da trajetória de um professor cuja docência ocorreu na área rural de Novo Hamburgo - RS, entre 1965-1995. Pretende-se, pois, analisar como a trajetória se entrelaça à prática docente em classes multisseriadas e compreender o fragmento do ensino rural nesse município. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza metodologia da história oral valendo-se de entrevistas semiestruturadas. O referencial teórico fundamenta-se na perspectiva da história cultural, tendo as memórias como documento. As memórias deste professor permitiram conhecer um pouco sobre o desenvolvimento da escola pública em Lomba Grande enfatizando a importância que a alfabetização representou para os docentes dos espaços rurais.

**Palavra-chave:** Formação de Professor. Memória. Prática Pedagógica.

**Abstract:** This study has as aim to unfold facts around the path of a teacher whose teaching took place in the rural area of Novo Hamburgo – RS, in 1965-1995. It intends, therefore, to analyze how the trajectory interweaves with the teaching practice in multi-serial classes makes it possible to understand a fragment of the rural teaching in this municipality. The survey, of qualitative nature, uses the methodology of oral history through semi-structured interviews. The theoretical reference is based in the perspective of the cultural history, having the memories as document. The memories of this teacher allowed knowing a bit about the development of the public school in Lomba Grande emphasizing the importance that the literacy represented for the teachers of rural areas.

**Keywords:** Teacher Training, Memory, Pedagogical Practice.

<sup>1</sup> Graduação em história - UNISINOS; Especialização em gestão da educação - UFRGS; Especialização em psicopedagogia clínica e institucional - universidade FEEVALE; Mestre em educação - UNISINOS; Doutorado em educação - UNISINOS, bolsita capes/proex. E-mail:< profedimar@gmail.com>

## Introdução

A presente pesquisa tem como documento central as memórias de um professor cuja trajetória faz parte de uma pesquisa mais ampla<sup>2</sup>, pesquisa essa desenvolvida no PPG de educação da UNISINOS para obtenção do grau de Mestre. A escolha de sua narrativa, de forma específica se justifica porque através de suas memórias esse professor particulariza alguns aspectos relevantes para entender algumas especificidades do processo da educação rural no Rio Grande do Sul, entre 1960 a 1990, principalmente, quanto ao destaque que se deu à alfabetização.

O presente estudo investiga, através das memórias de um professor como a trajetória profissional desenvolvida na zona rural, suas práticas representam possibilidades construídas e apropriadas no fazer pedagógico em classes multisseriadas. O professor Paulo Plentz desenvolveu sua trajetória docente unicamente na EMEF Bento Bonçalves, de Novo Hamburgo, (figura 1), no bairro rural de Lomba Grande<sup>3</sup> na localidade do Taimbé entre (1965-1995).

**Figura 1 – Mapa de Novo Hamburgo no Estado do Rio Grande do Sul**



Dessa forma, é relevante saber um pouco sobre o espaço dessa investigação auxilia na compreensão da pesquisa. Novo Hamburgo<sup>4</sup> é um município gaúcho do Rio Grande do Sul (R.S.). Localiza-se na microrregião geográfica do Vale dos Sinos distando aproximadamente 50 quilômetros da capital Porto Alegre, tem sua estrutura político-econômica desenvolvida, principalmente, no século XIX, com a chegada dos imigrantes alemães na região.

<sup>2</sup> Paulo é um dos dez professores entrevistados para a pesquisa de mestrado em educação, desenvolvida na UNISINOS sob orientação da prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. NOME e co-orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. NOME.

<sup>3</sup> A origem do nome, segundo informação de antigos moradores, está ligada ao seu relevo que é ondulado, com muitos morros, diversas altitudes, onde se realizavam carreiras de cavalos. Como especificidade desse lugar em 1985 o Plano Diretor Municipal definiu um perímetro urbano para Lomba Grande de 3,5 km<sup>2</sup>, localizado na região central, em destaque na figura 2 e uma área rural de 148,3 km<sup>2</sup>. Sua área geográfica total compreende 156,31 km<sup>2</sup> (SCHÜTZ, 2001).

<sup>4</sup> Ocupa uma Área 222,35 km<sup>2</sup> e tem uma população de aproximadamente 258.000 habitantes. Limita-se com Campo Bom, Dois Irmãos, Estância Velha Gravataí, Ivoti, São Leopoldo, Sapiranga, Sapucaia do Sul e Taquara. Suas principais vias de acesso são as Rodovias BR 116, RS 239 e a Estrada da Integração, que interliga a cidade de Novo Hamburgo a área rural de Lomba Grande.

## História Cultural e Memória: Discussões Teórico-Methodológico

A opção pela abordagem da História Cultural, conhecida, em um primeiro momento como “Nova História” em contraste com a “antiga” considera aspectos da experiência de vida e o contexto em que se construíram. A nova corrente historiográfica da História Cultural, ou seja, a Nova História Cultural se constituiu a partir da história francesa dos *Annales*, apresentando-se como uma abordagem para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2004, p.15).

História e Memória são representações narrativas que se propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo (PESAVENTO, 2004). A memória é entendida como uma construção social que depende do relacionamento, posição, papéis sociais do sujeito com o mundo da vida. A memória é coletiva, e nessa memória o indivíduo tem uma posição individual dos fatos vividos, mas, ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles (HALBWACHS, 2006).

Utilizou-se a entrevista “semiestruturada” a partir de um roteiro com dez questões sobre a trajetória em classes multisseriadas (TRIVIÑOS, 2008). Por uma questão metodológica o sujeito desta investigação é aqui identificado conforme termo de consentimento assinado. Inicialmente, questionou-se quanto à sua primeira escolarização; seguido de momentos marcantes da docência; como a prática foi construída e quais eram os momentos de formação continuada; entre outros. A cultura, ora entendida como campo particular de “práticas/produções” que constituem um conjunto de significações que se materializam pelos diferentes enunciados e condutas. Dessa forma, investigam-se como as “práticas/produções” em classes multisseriadas manifestam as apropriações culturais que foram tecidas nessa trajetória profissional. Este modo singular de trabalhar o ensino numa “parte” do município designa um conjunto de significações historicamente inscritas e que se expressam de forma simbólica num “saber-fazer” capaz de perpetuar e desenvolver a cultura, a instrução e o conhecimento. (CHARTIER, 2002).

A escolha pela metodologia da História Oral visa aprofundar a compreensão sobre aspectos do contexto em que se desenvolve a pesquisa, principalmente os culturais e estruturais de uma sociedade. Em Thompson (1992), a abordagem da História a partir de evidências orais permite ressaltar elementos que, de outro modo, por outro instrumento, seriam inacessíveis.

Aqui, as entrevistas de História Oral são tomadas como documento e servem para refletir e compreender o passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Além disso, faz parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, compilando memórias dos indivíduos a cerca de suas trajetórias, buscando interpretar acontecimentos, situações e modos de vida de seu grupo e na sociedade de modo geral. As entrevistas são atos de construção e de seleção de certo conhecimento da realidade e de seu funcionamento.

Optou-se em destacar das análises as práticas pedagógicas. A partir da análise documental, buscou-se identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída a partir do entrecruzamento de aspectos que emergiram na construção dos documentos orais e na organização das informações de diferentes naturezas (documentos orais, escritos e iconográficos). Pimental (2001) argumenta que o documento representa já uma interpretação de fatos elaborados por seu autor, e, portanto, não devem ser encarados como uma descrição objetiva e neutra desses fatos. A análise é sempre

um processo interpretativo e construído historicamente.

## As Escolas de Classes Multisseriadas em Novo Hamburgo

O século XX também assistiu a inúmeras transformações, no que se refere ao espaço rural, o Brasil passou de uma sociedade eminentemente agrária a uma sociedade industrial, e a cidade assumiu a posição de guia, de modelo dos paradigmas culturais e sociais. Almeida (2007) argumenta que as mudanças econômicas e sociais promoveram transfigurações identitárias e, portanto, afirmou-se uma tendência de construção de identidades urbanas, associando a cidade o *status* de progresso.

No contexto educacional brasileiro, com o advento da República, abriu-se um processo de mudanças estruturais que se pautavam na consolidação do trabalho assalariado e melhoramentos urbanos aliados ao início da industrialização. O crescimento urbano e industrial que marcou a década de 1930 produziu na população rural aspiração de “[...] ver se seus filhos poderiam, uma vez fora da zona rural, escapar do serviço físico bruto”. A questão fundamental da escola continuava sendo “de ensinar a ler, escrever e calcular” (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009, p. 39). A função da instrução salientava-se frente aos novos paradigmas que se projetavam na ótica da formação geral e o desenvolvimento humano do ser humano como um sujeito pátrio, ativo e atuante.

Conforme Calazans e Silva (1993), a inserção do ensino (regular, formal e oficial) em áreas rurais iniciou no final do Segundo Império a partir das classes de mestre-único e ampliou-se na primeira metade do século XX. O seu desenvolvimento reflete, de certo modo, as necessidades decorrentes da evolução das estruturas socioagrárias do país. É nesse contexto que a escola rural se instaurou tardia e descontinuamente.

As classes multisseriadas ainda se conservam como única alternativa para a escolarização das comunidades “[...] de difícil acesso e não pode ser entendido como um momento precário, uma medida paliativa, provisória. Um número significativo de alunos, professores e pais dependem e fazem seu cotidiano a partir destas escolas” (FERRI, 1994, p. 17).

Embora as classes multisseriadas<sup>5</sup> existam em espaços urbanos, o “interior” parece ter se configurado como lugar privilegiado dessa prática. O argumento da adversidade às condições físicas espaciais e o reduzido número de alunos das comunidades rurais colaboram para a continuidade desse tipo de escola.

A função da escola rural confunde-se com o conceito que a acompanha, pois as escolas rurais, de mestre único, multisseriadas, fazem parte da história da educação brasileira. Enquanto que as escolas rurais criadas para preparar o homem produtivo que, além dos conhecimentos básicos dominasse as técnicas de plantio e fosse garantia de melhor produção, foi sistematizada pelo Decreto-lei 9613, de 20 de agosto de 1946, como Lei Orgânica do Ensino Agrícola (MIGUEL, 2007, p. 83).

A educação rural foi vista como um instrumento capaz de formar, de modelar um cidadão adaptado ao seu meio de origem, mas lapidado pelos conhecimentos científico endossados pelo meio urbano. Ou

<sup>5</sup> O Censo Escolar de 2006 indica a existência de 7, 4 milhões de matrículas nas escolas do campo em uma rede de 92.172 estabelecimentos para educação básica. Destes, 71,5% estão matriculados em classes multisseriadas em turmas de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental. A educação rural no Brasil está assim representada: 83% das escolas são multisseriadas; 40% têm apenas uma sala de aula; 49% dos alunos de 1ª a 4ª séries estão defasados (INEP, 2007).

seja, a cidade é quem apresentava as diretrizes para formar o homem do campo, partindo daí, os ensinamentos capazes de orientá-lo, civilizá-lo a bem viver nas suas atividades, com conhecimentos de saúde, saneamento, alimentação adequada, administração do tempo, técnicas agrícolas modernas amparadas na ciência, etc. A escolarização deveria preparar e instrumentalizar o homem rural para enfrentar as mudanças sociais e econômicas. Dessa forma, o sujeito do campo poderia participar e compreender as idéias de progresso e modernidade que emergiam no país.

A história de Novo Hamburgo está imersa no contexto da colônia alemã de São Leopoldo, principalmente a religião luterana e católica, que no decorrer do século XIX contribuíram para constituição da origem ao Vale dos Sinos (considerando o estabelecimento de colonos ao longo do rio dos Sinos). No ano de 1824, os imigrantes alemães desembarcam na Real Fitoria<sup>6</sup> do Linho Cânhamo, onde hoje se situa a cidade de São Leopoldo, e alguns meses depois chegaram onde hoje se localiza o município de Novo Hamburgo, “[...] posteriormente, expandiram-se para áreas próximas chegando a Lomba Grande” (SCHÜLTZ, 2001, p. 107).

Como de costume, a influência religiosa legado europeu da colonização sugeria que ao lado de cada igreja deveria haver uma escola<sup>7</sup>, em Novo Hamburgo esta situação se reproduziu também, no valor dado à educação pelas pessoas que se estabeleceram em Lomba Grande (DREHER, 1984).

Em Lomba Grande, a história da educação se relaciona à sensibilidade da comunidade e das famílias que cediam compartimentos em suas residências para que fossem ministradas aulas. O professor, em alguns casos, também era oriundo da sua comunidade, que apesar da instrução mínima, na ausência de um mestre graduado (professor diplomado, dadas às dificuldades do meio físico), desempenhava a docência superando inclusive as dificuldades de falta de material didático, condicionando-se aos soldos provenientes das famílias.

Em Novo Hamburgo, muitas aulas que se transformaram nos grupos e colégios, efetivaram parceria com a instância municipal. Além disso, algumas contavam com subvenções municipais. No Grupo Escolar de Lomba Grande, por exemplo, a municipalidade arcava com o pagamento do aluguel, bem como havia reserva de recursos que se destinava a aquisição de materiais. Na instância regida pelo município na década de 1950, as aulas passaram a se chamar Escolas Isoladas, pioneiras das EMEFs, da década de 1990.

A Secretaria Municipal de Educação e Desporto passou a existir a partir do Decreto-Lei nº 31, de 27 do abril de 1945 e tinha a denominação de Instrução Pública. Embora a emancipação política tenha acontecido em cinco de abril de 1927, apenas em 1952 as escolas municipais são regimentadas e posteriormente recebem o primeiro programa curricular.

Em 1960, foi criada o Serviço de Expansão Descentralizada do Ensino Primário (SEDEP). Nesta época, muitas escolas públicas são construídas, contratos e acordos de entes (municipal e estadual) pos-

<sup>6</sup> Atualmente bairro Fitoria, situada nas imediações de Lomba Grande, utilizada por muitos habitantes para realização de práticas cotidianas, em virtude da proximidade e facilidade de transporte. Até 1940, Lomba Grande incorporava-se a este espaço considerando o fato de ser 6º Distrito de São Leopoldo, criado a partir do Ato Municipal nº 39 de 1904. Apenas em 1940 essa área de terras passou ao perímetro municipal de Novo Hamburgo (SCHÜLTZ, 2001).

<sup>7</sup> Dreher (2008); Arendt (2008) e Kreutz (2001) sugerem a tríade (Igreja, Escola e Cemitério) aspecto que figurava cenários das comunidades germânicas instaladas em diferentes partes do Brasil (séc. XIX). Os caminhos abertos pelos imigrantes originaram lugares. A construção de uma cultura local dava-se pela abertura das picadas que prepararam espaço da convivência cotidiana. Destaca-se ainda que a “venda” representava lugar de saber/aprender – detalhe lembrado nas entrevistas com professor Sérgio. Arendt (2008) identifica esta forma original de escola como “*Kolonieschulen*” – Escolas rurais.

sibilitaram a ampliação do atendimento educacional, principalmente, a partir das chamadas *brizoletas*. Nesse sentido, foram construídas 21 escolas em Novo Hamburgo, sendo que destas, cinco se localizavam em Lomba Grande. Em 1966, este serviço é substituído pela Divisão de Municipalização do Ensino Primário (DIMEP), permanecendo com a mesma intenção de articulação entre governo municipal e estadual, conforme Lei Municipal nº 15/1966.

Almeida (2001) argumenta que nesse contexto de transformações da década de 1960 houve a expulsão de mão de obra do campo, ocasionando uma aceleração do fluxo migratório campo-cidade, como desagregação das pequenas propriedades em detrimento à industrialização e urbanização.

O intenso movimento migratório que produziu o processo de urbanização no Brasil na década de 1970 e a grande oferta de mão de obra, principalmente, para as indústrias, no caso de Novo Hamburgo, a coureiro-calçadista, redimensionou o espaço de aprendizagem no espaço rural. Ao mesmo tempo em que houve a preocupação, num primeiro momento de conter este fluxo populacional, a partir do “desenho” de uma escola que atendesse às necessidades imediatas da população do campo, houve o crescimento no número de estabelecimentos de ensino cuja proposta atendia à preparação mínima para o trabalho, fosse ele no campo ou na cidade.

A Rede Municipal de Ensino, em 19 de dezembro de 2005, passou a ser Sistema Municipal de Ensino pela Lei Municipal nº 1.353. É a maior da região do Vale do Rio dos Sinos, contando, segundo Censo Escolar 2006, com 56 escolas do Ensino Fundamental e 17 de Educação Infantil, em 2006 atenderam a 25.940 alunos. Observa-se que em 2007 a rede municipal era constituída de 19 escolas de Educação Infantil totalizando 76 escolas em 2009 (NOVO HAMBURGO, 2008).

## **Fragmentos de Memórias: Notas sobre a trajetória docente do professor Paulo Plentz**

Sobre as memórias dos primeiros tempos formativos, os estudos primários foram também em “classes de mestre-único”, na Escola Municipal Humberto de Campos, na localidade de São Jacó, pelas professoras Hélia Gomes Pereira e Élia Thiesen. Porém, o quinto ano foi realizado na Escola Municipal Bento Gonçalves, junto com sua irmã, também professora Lúcia Plentz, na localidade de Taimbé.

Quanto às memórias de prática docente, Paulo, ingressou como professor através de um contrato de trabalho e como auxiliar. Ele precisou realizar um exame de suficiência para atestar o comprovante de escolaridade, como lembra “[...] não cheguei a concluir o último ano [Ginásio] porque me afastei [Seminário]. E aí eu assumi aqui como professor só no peito, quer dizer a minha irmã que apontou lá e eu fiz um teste de conhecimentos teóricos de tudo”. Ele considerou fácil o exame e alcançou um excelente desempenho, havia retornado do Seminário, e como ele mesmo afirmou “[...] naquele tempo eu tava por cima, eu sabia tudo”.

Além disso, destaca-se a prática de indicação, “a minha irmã apontou lá”, pois ele foi indicado pela sua irmã para trabalhar na EMEF Bento Gonçalves como auxiliar, nas turmas de 1º ao 5º ano. A indicação docente caracterizou-se como uma forma construída nesse lugar para solucionar as dificuldades, principalmente, educativas de lotação de professores concursados.

Como professor, havia cursos e reuniões que eram oferecidos pelo governo municipal. Sobre esses momentos de formação, o professor Paulo complementa que os cursos orientavam quanto às inovações e metodologias atualizadas sobre o ensino. “Nós tínhamos [...] chamava-se, naquela época curso. [...] sete dias. E ali, eles mostravam tudo como tu lidava, com a 1ª, com prezinho, nós não tínhamos pré, nos tínhamos alunos ouvintes”. A possibilidade da troca de experiência se expressa nos saberes profissionais dos professores, e nos saberes adquiridos no início da carreira e apropriados pelas construções culturais, que são uma reativação, mas também uma “[...] transformação dos saberes adquiridos nos processos anteriores de socialização, direcionando o dia-a-dia do profissional e a singularidade de sua prática docente e pedagógica” (TARDIF, 2005, p. 107).

O professor Paulo, também lembrou a importância do planejamento das aulas, “[...] pela manhã eu lecionava, à tarde eu tinha direção. Aí à noite ou madrugada eu planejava”. Observa-se nesse relato que além das atribuições da docência, como único professor da escola, Paulo respondia pela documentação e parte burocrática da instituição. Dessa forma, foi professor, secretário, diretor, enfim, acabava desempenhando funções que não eram apenas as pedagógicas.

Em sua sala de aula havia dois quadros, quando ele era docente do 1º e do 2º ano. Naquela época, existia uma exigência maior para que os alunos concluintes do 1º ano se alfabetizassem até o final do ano. Ele recorda que cada turma tinha um quadro e enquanto os alunos realizavam as atividades que eram propostas, ele conseguia atender os alunos que tinham mais dificuldade de aprendizagem, circulando pela sala de aula. A fotografia 1 registra um dia de aula do professor Paulo e evidencia a memória dos dois quadros.

**Fotografia 1- Alunos e professor Paulo, 1º e 2º ano da EMEF Bento Gonçalves, entre 1990/1993**



Fonte: Acervo pessoal do professor Paulo Plentz, 2010.

Além da possibilidade de utilizar mais de um quadro para atender todos os alunos, observa-se, na fotografia 1, que os alunos estão dispostos de forma diferente na sala de aula, ou seja, o que não é comum encontrar nas escolas da cidade. Essa é uma característica das turmas multisseriadas, a disposição dos alunos em grupos, em fileiras, e/ou pelo seu nível de desenvolvimento cognitivo.

A fotografia 1 apresenta, no quadro verde à esquerda, um pequeno texto, com a ordem “Ler. O rádio.

Papai deu um rádio à mamãe. O rádio é amarelo. Fábio adora o rádio. O meu rádio é de madeira. O rádio roda em aula.”. Ainda, se observa a presença de muitos livros para consulta sobre a mesa do professor. Há um álbum seriado sobre aves, e no outro quadro verde está disposto o enunciado, “Identificar estas palavras quanto o seu [número] de sílabas: Brasil; Seleção; Mal; Jogador; Campo; Juiz; Brasileiro; Vitória”.

Um aspecto interessante, também na fotografia 1, é a presença da Bandeira Nacional na sala de aula, o que não é comum no interior das salas de aula, nos espaços urbanos. O ambiente da sala de aula apresenta-se com trabalhos expostos. Como recorda Paulo “sempre fui de me dedicar aos alunos” o que demonstra o empenho do professor Paulo para que os alunos aprendessem e procurando oferecer os mais diferentes materiais da cultura escolar. Dessa forma, percebem-se muitos trabalhos escolares, desenhos, gravuras e material ilustrativo formativo, registrando a importância da leitura.

O professor Paulo “[...] era muito de captar as coisas e segurar [aprender] usava muito o que os outros faziam, o que os outros diziam, eu tava sempre como um ‘vagalume’, tava de olho aceso”. Nas reuniões de estudo e cursos, se aprendia um pouco sobre as novas teorias educacionais. Paulo utilizava o que aprendia, adequando a sua realidade de sala de aula. A forma peculiar como esse professor se apropriou do jeito de dispor os alunos e colocá-los pelo nível de desenvolvimento (dificuldade), a partir da aprendizagem, com os colegas, convivendo, conversando, construindo, expressa o que Certau (2011) chama de “prática de solidariedade”, para que seus alunos tivessem êxito no final do ano.

Era comum o professor começar a aula explicando as atividades que seriam desenvolvidas, utilizava-se de folhas de “papel almaço carbonado” com tarefas e exercícios, ou se utilizava do quadro verde para indicar a “lição” para os alunos de cada série. Geralmente os alunos maiores (3º ao 5º ano) tinham mais atividade para que fosse possível atender demoradamente os alunos do 1º e do 2º ano enfatizando o letramento. Utilizava-se do sistema de “rodízio”, enquanto o quarto e quinto ano copiavam as atividades do quadro, ele tomava lições do primeiro e segundo, em outros momentos do terceiro ano. Além do quadro verde, utilizou-se de cartilhas e livros que eram previamente separados para que os alunos realizassem essas tarefas, enquanto o professor acompanhava os alunos menores.

Ao recordar, o professor Paulo relembra as metodologias de alfabetização, muito presentes naquela época, “é eu tinha o Ta, Te, Ti. O método da Abelhinha, depois centro de interesses, e outros métodos. Eu misturava muita coisa. É brabo, quem não tem magistério, assim, lecionar como eu peguei.” Observa-se que ele utilizava-se do método sintético e analítico<sup>8</sup> na alfabetização. A alfabetização foi o aspecto mais importante nesse sentido.

Refletindo sobre as práticas pedagógicas que permitiu recompor memórias de formação e prática em classe multisseriada, o aspecto que perpassa as representações sociais desse professor, de certo modo, sintetiza a forma de pensar de um grupo social e de uma época. Desse modo, constata-se que a apropriação do conhecimento, do modo de saber e de fazer inventado/reinventado ressaltou forte tendência patriótica e vocacional. Afinal, no contexto desse tipo de escola, o professor cumpria outras responsabilidades além da docência.

<sup>8</sup> Conforme Mortatti (2006) o método sintético estrutura-se da parte para o todo e em oposição o método analítico que parte, por exemplo, da palavração, ou das histórias para que os sujeitos compreendam a importância do letramento. O método alfabético, também, conhecido como silábico, ficou marcado no Brasil pelo uso da Cartilha “Caminho Suave”. Nesse método, aprendem-se primeiro as letras do alfabeto, em seguida, a formação sílabas, e com essas, formam-se as palavras. A partir desse momento, começa-se a ler frases curtas, indo para orações e até ‘chegar’ a leitura do livro.



## Considerações finais

Estudar o percurso de docentes permite transitar por diferentes espaços, vivências, sentimentos. Tais experiências, narradas desde a memória dos envolvidos, ajudam não só a constituir os sujeitos, como a escrever parte da história da educação regional. A partir do momento em que se evocam memórias singulares, é possível caracterizar parte de um contexto pessoal e coletivo, percebendo semelhanças e diferenças entre as narrativas que ali se desdobram.

As palavras do professor Paulo revelam a prática de amor e dedicação ao magistério público nesta localidade, do “arraigamento” e identidade de uma vida entregue ao ofício de mestre, principalmente em classes multisseriadas, no espaço rural. Observa-se que o estudo e a formação em serviço expressaram narrativas de memórias de diferentes períodos, momentos em que acontecia a troca de experiência e a atualização quanto às novas técnicas e metodologias do ensino. Ao mesmo tempo em que se constitui professor nos idos dos anos 60 do século XX, acompanha o momento da abertura de muitas escolas rurais, no caso da Bento Gonçalves, a reestruturação do prédio novo em 1976 e conta com detalhes a dificuldade e descaso das políticas públicas para com o ensino rural.

Conclui-se que a apropriação das “artes do ofício” expressou-se pela rememoração do sentido e significado que Paulo atribuiu à sua trajetória, enfatizando como compreendeu e incorporou as responsabilidades profissionais, no seu tempo, que não são muito diferentes das de hoje, ensinar, incondicionalmente, cumprir a maior responsabilidade pedagógica que o professor tem: ensinar os alunos uma possível leitura da realidade.

## Referências

MAPA DO RIO GRANDE DO SUL. Disponível em <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul\\_Municip\\_NovoHamburgo.svg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:RioGrandedoSul_Municip_NovoHamburgo.svg)> acesso em 11 de junho de 2012.

ALMEIDA, D. B. **Memórias da rural:** narrativas da experiência educativa de uma escola normal rural pública (1950-1960). 2007. 272 f. Tese (Doutorado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS.

\_\_\_\_\_. **Vozes esquecidas em horizontes rurais:** histórias de professores. 2001. 241 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

ARENDR, I. **Educação, religião e Identidade étnica:** o Allgemeine Lehrerzeitung e a escola evangélica no Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Oikos, 2008.

CALAZANS, M. J. C.; SILVA, H. R. S. Estudo Retrospectivo da Educação Rural no Brasil. Para compreender a educação do Estado no meio rural - traços de uma trajetória. In: THERRIEN, J.; DAMASCENO, M. N. (Coord.). **Educação e Escola no campo.** Campinas: Papirus, 1993. p. 15-43.

CERTAU, M. de. **A invenção do cotidiano:** artes de fazer. 17. ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

CHARTIER, R. **À Beira da Falésia.** A história entre certezas e inquietude. Porto alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2002.

DREHER, M. N. **Igreja e germanidade.** São Leopoldo: Sinodal, 1984.

FERRI, C. **Classes multisseriadas:** que espaço escolar é esse? 1994. 161 f. Dissertação (Mestrado em Educação) -- Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Santa Catarina, SC.

GHIRARDELLI JUNIOR, P. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 2009.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

HOBBSAWAM, E. **Era dos Extremos:** o breve século XX – 1914-1991. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP. **Panorama da educação no campo.** Brasília, DF, 2007.

KREUTZ, L. Escolas comunitárias de imigrantes no Brasil: instâncias de coordenação e estruturas de apoio. **Revista Brasileira de Educação,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 15, p. 159-177, 2001.

MIGUEL, M. E. B. As escolas rurais e a formação de professores: a experiência do Paraná – 1946-1961. In: WERLE, F. O. C. (Org.). **Educação rural em perspectiva internacional:** instituições, práticas e formação do professor. Ijuí: Ed. Unijuí, p. 79-99, 2007.

MORTATTI, M. R. L. **História dos métodos de alfabetização no Brasil.** 2006. Texto postado no Portal Mec, na Secretaria de Educação Básica. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ens-fund/alf\\_mortattihisttextalffbbr.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ens-fund/alf_mortattihisttextalffbbr.pdf)>. Acesso em: 10 out. 2011.

NOVO HAMBURGO. **Lei Municipal nº 1.788, de 17 de março de 2008**. Plano Municipal de Educação de Novo Hamburgo – RS. Novo Hamburgo, 2008.

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, A. **O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica**. **Cadernos de pesquisa**, São Paulo, n. 114, p.179-195, nov. 2001.

SCHÜTZ, L. M. M. **Novo Hamburgo, sua história, sua gente**. S/d, Novo Hamburgo, 2001.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005.

THOMPSON, P. **A voz do passado: historia oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 2008.

Recebido em: 12/11/2012

Aceito em: 02/05/2013

